



3 DE FEVEREIRO
DIA DOS HERÓIS

Vida exemplar na luta contra bandidos

Homem de altura respeitável, voz aberta e sempre calmo, Langa, é um dos sobreviventes da viatura em que pereceu o Director Provincial do Comércio Interno de Gaza quando esta accionou uma mina na picada que liga Maqueze a Hati-hati.

Decorria a viagem de Maqueze a Hati-hati quando depois de percorridos três bons quartos de distância, numa conversa animada, ele perde-se repentinamente da conversa. Calou-se durante alguns segundos e só algumas pessoas que viajavam connoso no «Land Cruiser» notaram essa mudança de atitude. Antes de ser tempo de lhe perguntar os porquês de tão brusca mudança de ar, ele começou a falar tão despreocupadamente como se falasse para os seus botões.

«Foi aqui que nós accionámos a mina que matou o Director do Comércio Interno de Gaza, o falecido Chiconela».

Neste momento todos os que tinham notado o silêncio de Langa, compreenderam afinal o que havia acontecido. Recordações de momentos passados com pesar.

Desde 1983, ano em que os ban-

didos armados penetraram na zona de Maqueze, Langa passou por alvo para os bandidos armados. Até hoje continua a exercer as suas funções de Presidente do Conselho Executivo da localidade de Maqueze, cargo para que foi eleito em 1982, graças à sua coragem e ao trabalho das forças armadas.

Na qualidade de 1.º Secretário da Localidade, Langa abandonou a sua residência quando em 1983 os bandidos chegaram e mataram os milicianos e responsáveis dos Grupos Dinamizadores na localidade de Mangoro. Sempre activo e sem mostrar interesse em abandonar a sua missão, ele organiza as populações para se integrarem em aldeias comunais, facto que só viria a ser acatado quando a acção dos bandidos se tornou insuportável.

Quando os bandidos souberam que um dos elementos mais activos na



«Nem por me perseguirem, vou desistir»
Langa

No primeiro combate em que Langa participou integrado no grupo das nossas forças armadas, entram numa emboscada. No meio do tiroteio e da grande movimentação, ele perde-se dos companheiros. Mais tarde, terminado o combate, Langa aparece junto dos outros com uma série de escoriações provocadas por um ramo seco que foi quebrado por uma «bazzoka» disparada pelo inimigo.

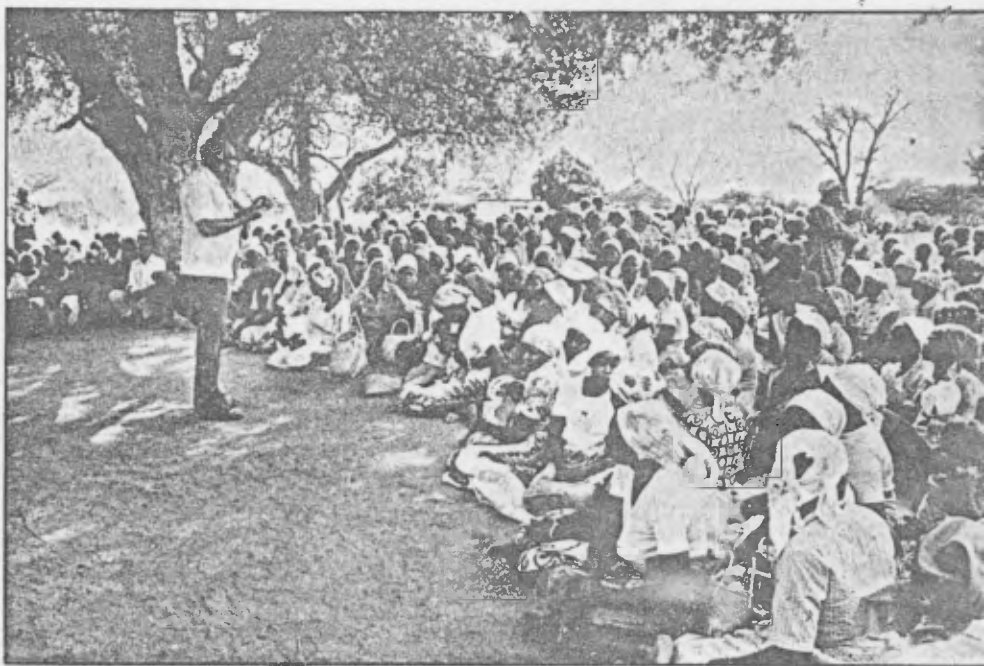
A um elemento da população, colaborador dos bandidos armados, é confiada a missão de fazer reconhe-

cimento das posições das nossas forças e seus efectivos. Duas mulheres que na altura iam ao fontenário, presenciam a cena e, depois de o referido elemento ter conferenciado com o Langa, as mulheres vêm alertar sobre o sucedido. Capturado o elemento em causa, pois ainda não estava longe da aldeia, confessa a verdade. Na madrugada do dia seguinte, a localidade é atacada, terminando com a vitória das nossas forças.

mobilização das populações era o Langa, começou a perseguição que continuou até que em Junho de 1983 os bandidos atacaram a localidade de Maqueze. A resposta das nossas forças impediu que tomassem de assalto a localidade. No lugar de esperar que as forças populares o defendessem, Langa optou por receber preparação militar dois meses depois do primeiro ataque.

Tem cinquenta e oito anos. A careca cresceu-lhe o suficiente para servir de ponto de referência. As patilhas que usa e quase lhe servem de distintivo estão brancas de neve, prova da corrosão do tempo mas, para os homens da sua idade, ele tem uma vigorosidade física de invejar. Já participou em vários combates contra os bandidos armados.

Talvez por isso, os bandidos armados não se cansaram de o procurar



Langa, dirigindo um encontro com a população



3 DE FEVEREIRO
DIA DOS HERÓIS

Preservar a casa de Mondlane

...o estado em que se encontra a casa onde nasceu o Primeiro-Presidente da FRELIMO e contendo uma sugestão para o seu aproveitamento condigno, recebemos do leitor Jeremias Sitoe a carta de que a seguir publicamos as partes principais.

O que me levou a traçar estas linhas, é o aspecto de abandono, a face doentia e a situação deplorável em que se encontra a casa onde nasceu o Arquitecto da Unidade Nacional, fundador e 1.º Presidente da FRELIMO, o Camarada Professor Doutor Eduardo Chivambo Mondlane. Pude verificar este lamentável quadro, quando, durante as minhas férias do Verão/85 (passadas na terra-natal, Manjacaze), fui visitar Dona Paulina Mondlane (irmã mais nova do malogrado e querido Presidente), que ainda se encontra a viver naquele histórico e sagrado lugar, junta com os seus filhos.

Está fora de dúvidas de que a casa do Herói dos Heróis, porque Símbolo dos Símbolos, está praticamente esquecida. As campas dos parentes e familiares de Mondlane estão invadidas de arbustos e capim. O cercado (rede) encontra-se enferrujado e as estacas que o sustentavam, como são de pau, não resistiram ao tempo, estando já podres e caídas. (Recorde-se que estas campas foram limpas pela primeira vez, em 23 de Junho de 1975, quando o Camarada Presidente Samora passou por lá, na sua viagem triunfal do Rovuma ao Maputo, para a Proclamação da Independência. Portanto, há

Um grupo de bandidos armados entra na aldeia à procura da casa do Langa e, ao invés de ir ter exactamente lá, pára em casa de uma vizinha onde o Langa havia escondido a sua mala com a maioria da roupa. Eles mandam a senhora tirar a mala que parecia a maior. Era exactamente a mala do Langa. Depois de mandarem tirar mais uma mala que era pertença da senhora e que continha a maior parte dos seus haveres, queimam a cabana.

A 18 de Outubro de 1985, acompanha a coluna

enquanto não foram escorraçados da zona. Ele recorda que, numa das vezes, os bandidos, informados sobre a localização da sua residência dentro da Aldeia de Maqueze, foram queimar a casa do seu vizinho. Insatisfeitos pelo insucesso da operação

e imprimindo maior ferocidade, os bandidos começaram a maltratar qualquer mulher que encontrassem e se apresentasse razoavelmente.

«Você é mulher do Langa».

A dada altura da perseguição que os bandidos moveram contra o Lan-

ga, como todos os inquiridos dissessem que o não conheciam, os bandidos chegaram a fazer um desenho para melhor o identificarem. Foi tudo em vão. Não apanharam o Langa e ele continua a trabalhar para a sua população.

Muito recentemente, sobrevive do acidente em que o carro do Director Provincial do Comércio Interno de Gaza accionou uma mina, resultando na morte daquele responsável. «Eu tinha que ir na qualidade de 1.º Secretário da Localidade de Maqueze e Presidente do Conselho Executivo da Aldeia», diz ele. Entretanto, nem por isso renuncia à sua tarefa continuando, segundo as suas palavras, ainda com maior aplicação.

mais de 10 anos que foi construído aquele cercado).

O mastro da Bandeira espetado em frente do barracão (por ele construído há mais de 40 anos), é um simples tronco de árvore que já nem lhe merece o substantivo mastro, visto que nem a corda lá existe. O pequeno jardim que circunda a lápide (também construída em frente do barracão) já está destruído, e as estacas do vedado, caídas.

Diga-se, em abono da verdade, que, pelos vistos, nos últimos anos, nunca ninguém se preocupou em pôr olho e mão àquele lugar histórico. O mais grave para mim, é o facto de não saber a quem cabe (por competência) a responsabilidade pela manutenção e conservação daquele lugar. Se é ao Ministério da Construção e Águas, ou se cabe a uma comissão nacional criada para efeitos de recuperação e valorização de lugares históricos, ou se ainda será às entidades locais dirigidas e orientadas pelo Governo da Província de Gaza?

Já no meu regresso para a povoação vizinha (onde residem os meus parentes e demais familiares), pude imaginar o aspecto futuro que aquele lugar poderia vir a ter, se houvesse interesse e empenhamento no melhoramento e embelezamento deste sagrado e histórico lugar. Pensei, então, que a casa do nosso Herói se poderia transformar numa pequena cidade, com o barracão reconstruído e bem conservado; com o redor da casa todo relvado, com jardins floridos, ruelas alcatroadas e passeios bem pavimentados, para além de postes de iluminação eléctrica. Também se poderia melhorar o trânsito da estrada que vai dar à cidade de Manjacaze.

Ao lado deste lugar, poder-se-ia construir um Museu (que relatasse a sua vida e trajectória revolucionárias) e um complexo escolar bem apetre-

chado, denominado INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS (se bem que já existiu em algum lado), onde se graduariam moçambicanos de todo o País, nas cadeiras de Sociologia, Antropologia, Filosofia, Economia Política, História, Psicologia, Pedagogia e outras, em honra do intelectual revolucionário, do brilhante estudante universitário que soube fazer dos estudos, um instrumento de luta pela libertação do seu Povo — o Professor Doutor Eduardo Chivambo Mondlane.

A planície que se estende pela frente da Casa dos Khambane, outrora o terreno onde o pequeno Eduardo apascentou gado de seu pai, seria zona verde que os alunos do Instituto transformariam em machambas da escola, onde iriam aliar a teoria à prática, produzindo arroz, milho, tomate, alface, couve, cebola, etc., para a sua dieta alimentar.

Esta, a meu ver, seria a melhor forma de honrarmos e valorizarmos a Casa-Berço do lutador pela libertação desta Mãe-Pátria-Moçambique de que hoje todos nos orgulhamos de ser filhos, cuja liberdade desfrutamos sob a mira malévola e odiosa dos inimigos da Paz e Independência do nosso Povo.

Sei que isto não seria obra fácil e rápida, mas num futuro não muito longínquo, transformaríamos esta casa num lugar de interesse histórico nacional, onde se educariam as gerações vindouras no espírito dos ideais de Mondlane, no estilo da sua vida e obra, inspirando-se no exemplo seu, de revolucionário conseqüente. Esse seria, afinal, o nosso orgulho (perante a História e o Mundo), de haver-mos sabido glorificar o Homem que nos mostrou e ensinou o Caminho da Liberdade!

Jeremias Fabião Siteo
Montepuez — Cabo Delgado